

Illustração

PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTÍSTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de
Composição e Impressão

Rua Formosa, 43-LISBOA



Nas Caldas: Vendedora de pinhões em dia de mercado
(Cliché de BESO: 161.)

Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno..... 4800 réis
 " semestre..... 2400 -
 " trimestre..... 1800 -

Assignatura conjunta do «Seculo», «Supplemento Humoristico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno..... 8800 réis
 " semestre..... 4800 -
 " trimestre..... 2800 -
 " mez (em Lisboa)..... 700 -



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente

GASTRALGIAS, DYSPESIAS.

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Br

Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
 Cheques para hotels.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA

Agua de Meza

MINERO MEDICINAL

Gomes & C.^a

Rua de El-Rei, 82, 1.^o-Lisboa



CASTANHEIRO

ARMADORES ESTOFADORES

TELEPH. 1846 PRACA LIVIZ de CAMÕES 88-1500
 ENDEREÇO TELEGRAPHICO CASTALH



LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO
 BARBA
 PESTANAS
 SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludlo
L. DEQUEANT, Pharmacien, 38, Rue Clignancourt, Paris
 Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem devesz dirigir para todas as informacões gratuitas
 A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL



Academia allemã para engenheiros

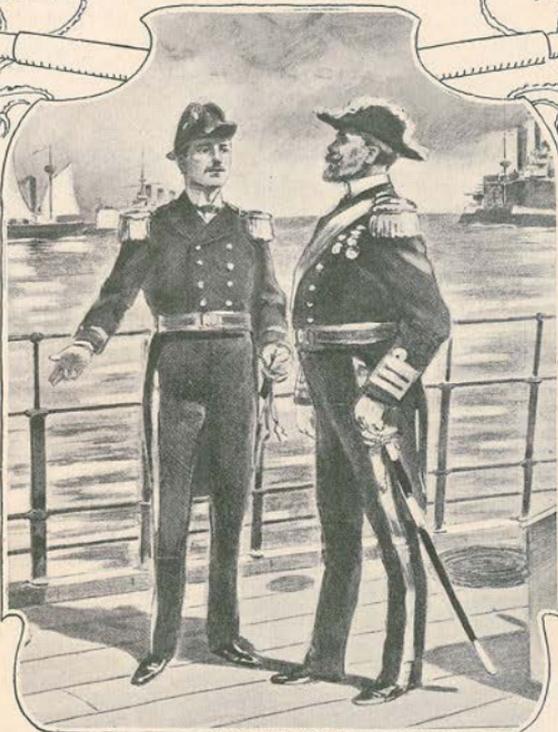
Vismar a. d. Ostsee, para engenheiros machinicos e electricistas, architectos e engenheiros de obras

OS ARGONAUTAS PORTUGUESE-MEN-OF-WAR



Aos que mourem nas duas margens do Tejo e a quem a labuta da vida força ás travessias do Barreiro e de Cacilhas, aos que terrestremmente transitam nos electricos do Aterro e a todos a quem estas linhas chamem a attenção e que por ellas se dêem ao sacrificio de ir de longada desde o Rocio — capital de Lisboa — até esse arrabalde pouco longinquo do Caes do Sodré, pode deparar-se, amarrado á antiga ponte dos vapores do Burnay incorporada hoje no Arrenal, o pequeno casco de um barco desairoso, emergindo todo da agua, sujo da ferrugem, com dois mastros e já sem chaminé.

Pois olhem para elle e meditem! Não ha muitos annos, quando o mundo todo estava suspenso da solução do duello gigantesco em que se sumiam no abysmo da Manchuria as multidões dos soldados do czar e se enchiam os fossos de Porto-Arthur de pequenos soldados japonezes, o navio-sito de que está amarrada na antiga ponte do Burnay a ruina ferrugenta



teve o poder de chamar sobre si as attensões do mundo, fazendo gemer os prelos desde S. Francisco, por toda a Europa e Asia, até Yokohama!

Foram duas irmãs gemeas nascidas em Inglaterra. Uma chamou-se *Mac-Mahon*, como homenagem ao velho marechal que arbitrara sobre Lourenço Marques; a outra chamaram-lhe *Limpopo*, por, em plena febre do ultimatum, lhe caber a utopia brilhante de honrar as quinas nas aguas do sul de Moçambique. E ao largo o porto inglez onde se balouçavam os colossos do paiz nosso inimigo, essa pobre casca de noz, sentindo que as ondas alterosas queriam sorver o seu pequeno casco de trezentas toneladas, tres vezes julgada perdida, tres vezes recolheu á companhia dos colossos rivaes. A gemea ficou uma vez engastada nas areias do rio que dera o nome á irmã. Não havia ainda camara municipal de Gaza, nem juiz de paz do Chai-Chai... O navio perdeu-se entre as rebentações do mar e entre a guerra



1—O encontro do commandante da canhoneira *Limpopo* com o almirante russo Rodjestwensky na bahia dos Tigres
2—Uma bella reliquia: A *Limpopo* atracada á ponte—(Cliché de MENOLIKI.)



dos homens! Por areias e pantanos, houve farda de marinha que se arrastou dias e dias á procura de algum salvamento!

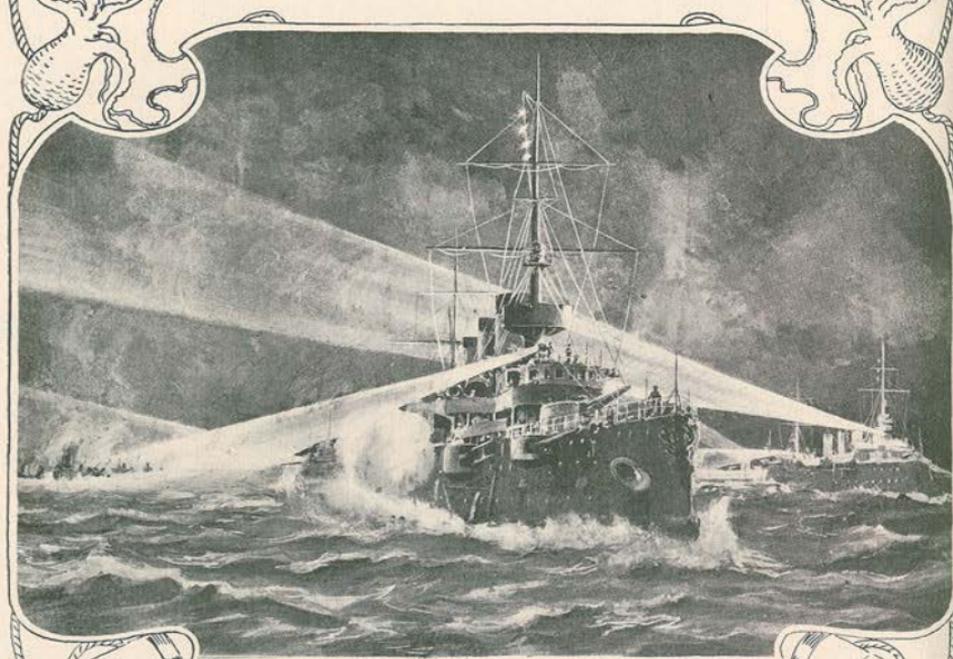
Fôra pois um engano. Não tinham nascido aquelles barcos para singrar o canal de Moçambique! E a pobre «Limpopo», pequena e defeituosa, antes que a re-

bentação de uma barra ou o chicote de uma monomocaia a sorresse nas aguas, foi mandada dobrar o Cabo Tormentorio em busca das aguas onduladas da costa de Angola. Depois

nham a esperança, largára o golpho de Finlandia, passára sob as muralhas de Kronborg, canhoneára n'um ataque de nippo-phobia os pescadores do mar do Norte e havia semanas

d'isso é feita a vida do velho navio pelo balanço de uma duzia de annos na cadencia rythmada da calema... e foi no meio da monotonia d'essa vida que um dia a surprehendeu o seu papel historico.

A esquadra do Baltico em que a defeza de Porto-Arthur e com ella a Russia pu-



1—A bordo da *Limpopo* preparando o tiro : Como uma pequena peça portugueza faria frente aos grandes canhões do mundo.
2—Na questão do Hull : Os navios do almirante russo Rodjestewsky bombardeando os barcos de pescadores

que singrava
na immensidão

do Atlantico. Scismava o mundo na grandeza da peregrinação d'essa força que ia contornar as costas de todo o velho continente! E as nossas tão apregoadas posições estrategicas, com que armamos ao reclame de alguma alliança, jaziam, como jazem e hão de fazer enquanto lusas forem, escancaradas á sua invasão e algumas tão discretas no seu abandono que deviam ser uma tentação para uma derrota d'aquella natureza! Em Lagos pediam o *D. Carlos*; na Praia, em S. Thomé, em Loanda, em Mornugão era preciso o *D. Carlos* para o caso mais que verosimil de o almirante russo

considerar taes aguas como suas! E como nós não tinhamos senão um *D. Carlos*, que ficava em Lisboa, havia inglezes e allemães desfaldando as cruzeiras das suas bandeiras brancas á brisa das nossas costas ultramarinas e



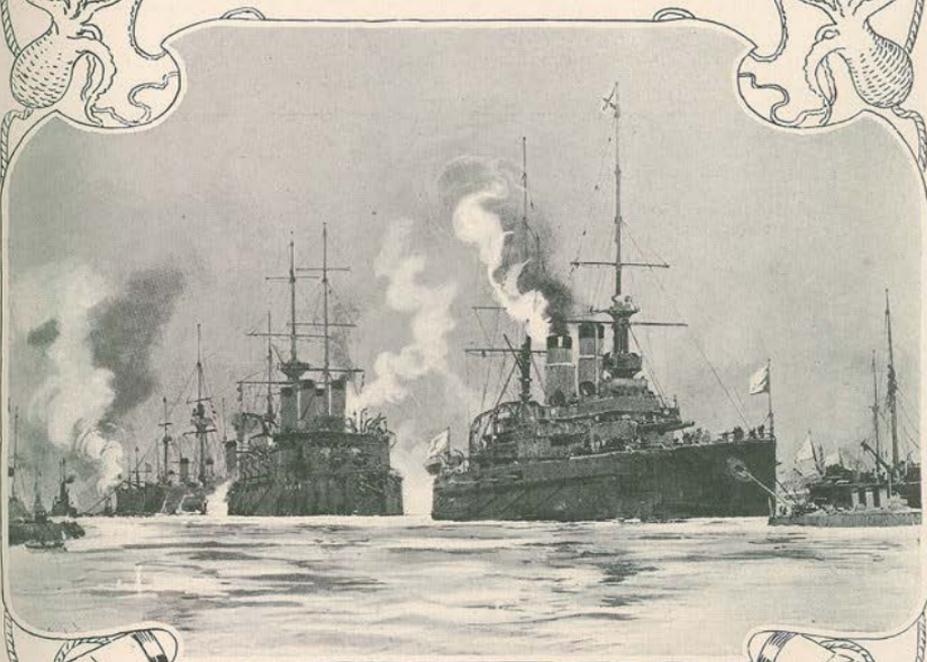
O 1.º tenente João Carlos da Silva Nogueira, comandante da *Limpopo* em 1905

aguardando naturalmente com

ansiedade o apparecer da fumaramada da esquadra formidavel que lhes permitisse argumentar perante o mundo a nullidade da nossa occupação.

A *Limpopo* andava pelo sul de Angola. Pôz-lhe a pedra no sapato a movimentação de dois cruzadores estrangeiros. Um era alliado... podia sirandar n'aquella contradação pelos nossos portos na mais amigavel das intenções! Mas o outro, o do pavilhão com as aguias germanicas, tornou-se-lhe suspeito e foi atraz d'elle, cautelosamente, para as aguas da Bahia dos Tigres. A sua presença, por lhe baldar os intentos ou fosse porque fosse, não lhe deu boa companhia, e a *Limpopo* achou-se só nas aguas da amplissima bahia.

Não tinha muitos dias de policia n'aquelle extremo meridional das nossas terras, quando uma tarde, estando em repouso em frente das tres casas que fazem em torno da *residencia* o povoado todo da colonia, viu passar um vapor pela linha do meio das duas



Alguns navios da esquadra de Rodjestwensky, vendo-se á frente o *Navarino*, o *Amirante Nachimoff*, seguindo-se o *Sissoi Veliky* e os outros

da da bahia, largava ferro, formada em duas columnas, a esquerda de Rodjestyra.

A *Limpopo* suspendeu e com a flammula e a bandeira azul e branca disparadas á aragem do mar, veiu passar em revista as duas enormes columnas e largou ferro entre ellas, pelo travez do navio almirante... E, como existe uma coisa que se chama o Direito, e aquellas aguas eram portuguezas, a *Limpopo*, de trezentas toneladas e dois canhões de 47 millímetros, impoz á esquadra que caminhava para Tsu-shima tanta obediencia, como se aquellas barreiras da terra fossem muralhas de fortalezas!

Portuguese-men-of-war... Navios de guerra portuguezes... Ha pelo mar uns moluscos, cuja concha univalve, de uma brancura nacarada, traz uma membrana levantada, como se fosse a vela de um batel.

Em portuguez chamam-lhes argonautas e tambem caravelas. Os marinheiros inglezes, que os vêem caber na palma de uma mão, chamam-lhes «portuguese-men-of-war».

Foi uma d'essas caravelas minusculas que apregoaram os echos do mundo ao apparecer de 1905!

HENRIQUE CORREIA DA SILVA.

Nota da Redacção

A *Limpopo* está hoje atracada á ponte, desarmada, velha, inutil, indo pouco a pouco a desmembrar-se talvez, o barco d'onde, em nome do direito, um herico official falou ao almirante d'uma grande esquadra. Como seria bello guardar um dos seus bocados no qual se gravasse a legenda do feito que é sem duvida dos mais ousados na historia da marinha dos ultimos tempos!

margens, encaminhando-se para o sacco da bahia... E como no fundo do sacco da bahia não ha mais do que areia sobre areia, tornou-se-lhe suspeita essa estranha visita áquelle deserto. Puxou-se vapor na caldeira, levantou-se a ancora do fundo e foi-se a inquirir. Foi então que se soube que era a Bahía dos Tigres uma escala do almirante russo e que o vapor o ia ali esperar. Ordenou-lhe a *Limpopo* que abandonasse aquellas aguas desertas, onde nada o podia attrahir e, vendo a sua flammula obedecida, veiu para o seu antigo fundeadouro aguardar a esquadra.

No dia seguinte subiam no horizonte, das bandas do Norte, grossos pennachos de fumo, e pelo meio do dia, á entra-



1—A bala d'um grande canhão

2—Os monstros de voz forte que se calaram diante do Direito

A Duquesa de Palmella ESCULPTORA



O retrato da sr.^a duquesa de Palmella (copia de um quadro)

Crear é a obra mais sublime, não só da natureza como do artista. E' approximar-se o homem de Deus no que Elle tem de melhor; imital-o no que tem de mais comprehensivel; sahir dos limites que a morte lhe impõe, demonstrando

que nem tudo ella pode vencer e anniquilar. Os bemfadosos de espirito, aquelles que são verdadeiramente superiores, tem largamente essa faculdade innata da qual, por muito que a estimem, nunca medem bem o valor, por-



1—A. Sulamite

que a possuem. Privilegiados entre os outros, os seus nomes viverão eternamente n'uma atmosphera de admiração, affecto e applauso, muito proxima d'aquella que habitam os santos do christianismo, a mesma do Olympo pagão. O tempo, que tudo apaga e corrompe, realça-os, purificando-os das invejas e mesquinhas do presente, e mostrando os seus nomes sempre mais fulgidos, quando o merito é real, á medida que os annos se amontãam sobre elles.

Então, os vindouros de todas as epochas glorificam-os nos cerebros, labios e corações, por uma unica palavra, não envolvida em lisonja, (elles já passaram), mas que lhes acode espontanea:—*Salve!*

E' com esta palavra, tão lata na sua concisão, que costume louvar quanto o merece por espirito, talento ou arte.

Occupando-me hoje succintamente da vasta obra de esculptura da sr.^a duqueza de Palmella, começarei, pois, assim:—*Salve!*

Da sr.^a duqueza, como mulher, nada direi. A distincta personalidade d'esta philanthropica senhora é por demais conhecida em todas a camadas sociaes para que ouse tocar em tão rico thema. Como esculptora é outro caso. Na nossa terra raros, muito raros, se interessam por coisas de arte, e tudo o que tenda a divulgar-as não será nunca improfficuo, e muito menos inutil. Agora, que ha pouco se inaugurou na Sociedade de Geographia o busto do marquez de Sá, executado de memoria pela illustre esculptora, vem a pello chamar a attenção do publico para a bella obra d'esta se-

nhora, que é incontestavelmente um dos seus melhores titulos.

A sr.^a duqueza occupa os seus ocios na cultura da arte que Anatole Calmels lhe transmittiu tão brillantemente. *Santa Thezeza de Jesus* e *Diogenes*, que obtiveram menções honrosas no *Salon*, a primeira em 1886 e a segunda em 1884, passam por ser, a justo titulo, as suas melhores obras. A dôce queixosa, que tão harmoniosos lamentos soltára pela amargura de viver e que tão graciosamente dizia:

Que numero pequi no mundo

está expressada no marmore com um



2—Maria José
3—O Genio



vigor em que transparece uma alma repleta da felicidade da convivencia divina. *Diogenes* demonstra na sua enérgica physionomia o caracter que a historia lhe attribuiu, e, no bem modelado das fôrmas, nos tecidos que parecem animados sob a pelle, revela toda a poderosa faculdade de technica, observação e estudo que distinguem a sua auctora.

Os tres bustos que sua ex.^a enviou á exposiçào do Rio de Janeiro tem verdadeiros encantos, sobre tudo o da *creada preta* da senhora marqueza do Fayal, cujo penetrante olhar é de tão inimitavel graça e malicia que me fez escrever, ainda ha pouco, que elle parecia

... além de vivo
Desejo de matar.

O segundo logar cabe, a meu vêr, á *Sulamite*, cujo rosto magoado traz á memoria o encantador poema de Salomão e com elle a magnifica versào de José de Sousa Monteiro:

Eu sou morena, sou; queimou-me o ar,
Formosas de Sião...

Mas o *Genio*, que classifico em terceiro logar, não porque seja menos bello e expressivo, mas porque o seu ar alegre e triumphante nos commove menos que a alma das duas mulheres, tão claramente patenteadas que parece lêrem-se-

senão digam-no, na escultura, *O desterrado*, de Soares dos Reis, e *A vinca*, de Teixeira Lopes; e na pintura *O retrato de El-Rei D. Carlos*, por Carlos Reis: *Os bebados*, de Malhõa, e *As abandonadas*, por Constantino; e muitas outras obras que, pintando-a, excedem-na, porque nos mostram d'ella o bello e grande, occultando ou diminuindo, em quanto vae da tela á realidade, o reverso que sempre existe, e que n'ella, por muito evidente, nos fere o gosto ou magõa á vista.

Tem a sr.^a duqueza uma outra estatua, ainda não conhecida do publico nem terminada e que se afirma ser aquella em que tem posto mais do seu coração. E' a *Virgem Maria* tendo nos braços seu divino Filho, que n'um gesto cheio de encanto offerece ao povo. O ousado d'este gesto e d'esta attitude, completamente nova, afirma o sr. José Antonio de Freitas, inquietava d'averas o classico Anatole Calmels, a quem se arripiavam os cabellos na sua contemplação.

Nós, os impressionistas, os que amamos as artes pelo que nos dizem á vista e pelo que nos commovem o espirito, os que ante ellas nos extasiamos e dizemos como Delile:

lhes os pensamentos, o *Genio*, digo eu, desenvolve á nossa vista tanta energia, tanta consciencia do proprio poder que a gentil e symbolica figura aparenta sentir em si, que se é tentado a perguntar-lhe: — Vives?

No busto de *D. Manuel de Sousa Coutinho*, na *Alegria*, no *Pescador*, na *Dryade*, no medalhão da sr.^a *Baroneza de Lebzelter*, depois viscondessa de Chancelleiros, e em muitas outras obras de s. ex.^a, que seria demasiado longo enumerar, firmou a illustre escultora o seu poder creador, arrancando á pedra sentimentos, expressões, lagrimas e sorrisos, que fazem nascer nos que vêem as suas produções, além da admiração pelo seu espirito de analyse e perfeita execução do trabalho, um mundo de pensamentos sobre o caracter do ser que representa a estatua, que nos prende a vista e que, sem nada lhe perguntarmos, tanto nos diz.

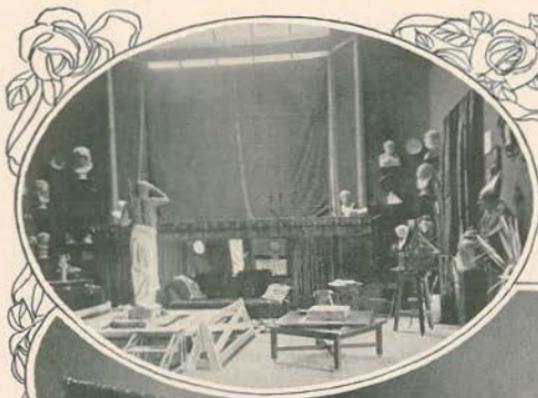
Affirma-se que não ha nada mais bello do que a natureza. Mas eu creio que sim; creio que a arte, pela grandeza do esforço que não raro representa, lhe é bastantes vezes superior. E

1 e 2—A *Virgem Mãe*
(Ultimo trabalho da sr.^a duqueza)
3—Um retrato d'ocassillo



E, como esta notabilíssima escriptora, pensam todos para quem a cultura das artes é uma das mais sublimes alegrias, mesmo em tempos felizes; e, quando o coração se fecha ao amor, torna-se o seu principal interesse porque, segundo um grande e altíssimo poeta, as artes nasceram

Pour prolonger des jours destinés aux douleurs



1 e 2—Dois aspe

ctos do atelier

Beaux-arts! et dans quel lieu n'avez-vous droit de plaie? Est-il á votre joie une joie étrangère?

não podemos olhar a obra da sr.^a duqueza sem o desvanecimento que ella merece.

A sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, amiga da illustre artista e uma das suas entusiasticas admiradoras, dizia-me, ainda ha poucos mezes, com aquelle caloroso e doce accentto com que sempre se regosija do bem que succede aos seus amigos e das distincções que lhe prodigalisam:

— El-Rei, dando-lhe S. Thiago, fez-lhe a mais justa distincção.

Sem ellas que seria dos miseros mortaes?

Deixei-me ir atraz das minhas idéas n'um devaneio perfectamente feminil e desviei-me do assumpto que vinha tratando.

Tem a esttua da sr.^a duqueza, a que me referi, ou, para melhor dizer, o gentilíssimo grupo de que em ultimo logar falei, physionomias completamente novas em santos. A mãe não tem o ar de piedade e de resignação quasi apathica, que desde sempre lhe attribuem: ha n'ella uma vivacidade, um enlevo, uma ternura e satisfação tão evidentes, ousarei mesmo dizer um tão natural e envaidecido orgulho no Filhozinho erguido nos braços, que o amor materno



O retrato mais recente—(Carvão de Carlos Reis)
(Cliché de BENOULLIÉ)

esplende n'ella com tão vigorosa expressão que as mães estremecem contemplando-a. Só uma mãe poderia e saberia dar á physionomia da Virgem aquella singularissima expressão. Ha ali mais do que arte: ha vivo sentimento, que torna a pedra em carne e lhe empresta nervos e um excessivo coração. E na figurinha de Jesus, que innocencia! que graça! que adoravel sorriso!

Agrada vê-lo assim, sem a preocupação da cruz. Aquelle lindo pêsito, ligeiramente inclinado para traz, é bem o de uma creança que acha optimo vêr-se no ar, mas recêia cair. A sr.^a duqueza comprehendeu, melhor do que ninguem até aqui, a alma popular no culto religioso: é assim o mais direito caminho do coração humano. Póde parecer hyperbole, mas não é. Uma estatua lindissima da Virgem, com seu Filho nos braços, como vulgarmente a esculpem os classicos, encanta, mas não commove a multidão, porque, mau grado seu, a sua essencia divina mostra-lhe um ser tão infinitamente differente de nós que o julga inacessivel ou pre-p-rado para todas as dôres: e, bem que não chegue a formular esse pensamento, nem mesmo, talvez, a presentil-o, no seu intimo lá está.

Deu d'isso muito bem conta

o meu querido poeta e mestre Sousa Monteiro, e evidenciou-o no *Auto dos Esquecidos*, n'aquella tirada que pôz nos labios da sua desvaírada Maria na imprecação á Virgem:

Quem sabe se, inane affronta,
As sete agudas espadas
No vosso peito cravadas
Estão sem gume e sem ponta.
Se é vossa dôr simulada,
Simulado o vosso pranto;
Se o que resguarda esse manto,
E' menos que sombra, é nada.

A maioria, se perscrutasse os seus pensamentos, encontraria um dos dois extremos, tudo ou nada.

Na primeira parte d'estas redondilhas póde suppôr-se que a Virgem é um ser tão espiritualmente superior que as dôres physicas não pôdem attingil-a. Não é este o pensamento do poeta, mas podia ter sido. Na segunda parte lá está a idéa mais corrente:

Se o que resguarda esse manto
E' menos que sombra, é nada.

Idéas innatas da pobre Maria, e que uma grande dôr faz explodir. E' preciso á



O marquez de Sá da Bandeira

alma humana um Deus á sua *imagem e semelhança*, e, quanto mais esta ultima fór perfeita, mais nos commove e impressiona; as suas dôres são as nossas, e os seus sorrisos tambem. A creança que a Virgem, esculpida pela sr.^a duqueza de Palmella, levanta nos braços, é como os nossos filhos, e está n'isso o segredo da



carvão de Carlos Reis é o mais recente e melhor retrato da sr.^a duqueza, mais uma vez confirma o immenso merito d'este mestre do pincel e do lapis.

O optimo instantaneo aqui reproduzido foi tirado pelo sr. Alberto Lima, que amavelmente m'o offereceu para o meu artigo.

MARIA O'NEILL.



O philosopho Diogenes

1 e 2—Entre humildes
(Chichés de BENOLIEL)

grande emoção que nos causa.

E' esta, de todas as obras da sr.^a duqueza, a unica desconhecida do publico, e julgo-a destinada ao maior e mais completo successo.

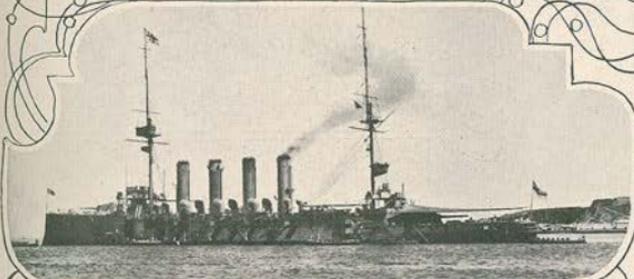
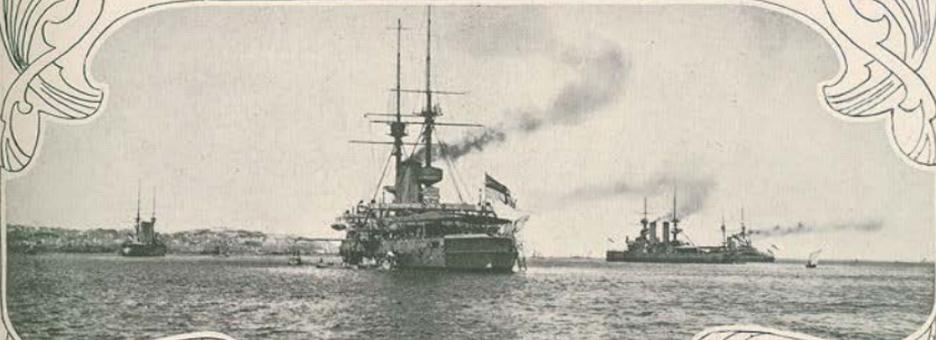
Muito tem feito pela arte a nobre senhora, já em produções proprias, já em incentivos dignos a artistas, alguns dos quaes, no seu exemplo e apoio, se tem baseado para acharem a coragem do trabalho, tão mal apreciado geralmente entre nós.

O retrato que pude obter da sr.^a duqueza, em plena mocidade, bem que seja d'um excellent pintor, (afirmam-me pessoas que a conheceram n'essa epoca) deixa muito a desejar. O magnifico



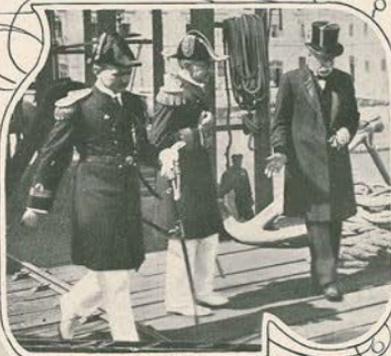
Santa Theresu

A ESQUADRA INGLEZA



1—O navio almirante
Baccante
2—O contra-almirante
Jackson com o seu ajudante
e o sr. ministro
d'Inglaterra

Sempre que antiga-
mente entrava no Tejo
uma esquadra ingleza
transformava-se d'uma
maneira visivel a vida
da cidade. Havia mais
agitação, mais ruido.

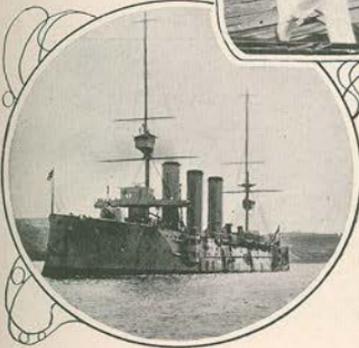


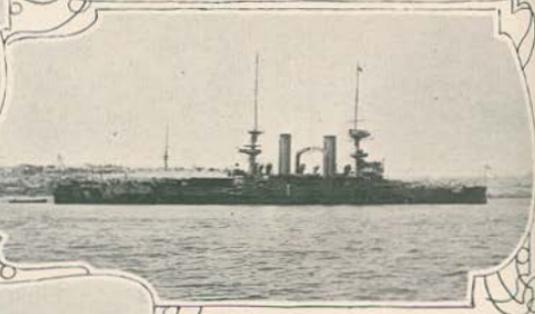
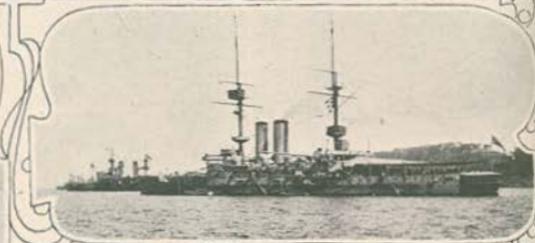
Havia individuos celebres n'essas guerreas, nomes ou antes alcunhas que se pronunciavam a bordo dos couraçados com respeito n'uma saudade do sol e das pugnas em Portugal. Hoje não é assim; o-marinheiro inglez desembarca e passeia gravemente pela cidade. As rondas caracteristicas, dois sol-



3—O contra-almirante Jackson
4—O couraçado *Sugfolk*

dados de fardas vermelhas com as suas chibatinhas,





4—O cruzador *Suffolk*. 5—O couraçado *Lancaster*.
6—O cruzador *Canopus*

melhos, levando um globo em cada platina dos seus ombros como n'uma afirmação segura do predomínio inglês.

1—O cruzador *Triumph*.
2—O contra-almirante Jackson com o sr. consel' d'Inglaterra.
3—O couraçado *Ocean*.

symbolo da auctoridade, vigiam-nos em passadas medidas, as cabeças alteadas com os seus gorros á banda, os bigodes loiros destacando nos rostos ver-





O grupo tirado no navio almirante no dia 27.
os srs. major general da armada
ministro d'Inglaterra, S. M. El-Rei, contra-almirante

em que se realison o almoço, e em qua figu-am
interino, ministro dos estrangeiros.
Jackson, presidente do conselho, ministro da marinha etc.

no orbe e assim impõem a ordem e se fazem obedecer. São realmente pittorescas essas rondas, como curiosas são as diversões ordeiras dos marujos dos navios britannicos que ainda n'uma das primeiras noites da sua estada em

Li-boia andaram jogando o *foot-ball* com um grupo portuguez em pleno Terreiro do Paço aguardando a hora de embarque para os seus navios que vieram ao Tejo n'uma saudação ao rei de Portugal.



A guarda de honra a S. M. El-Rei a bordo do *Bacchant*
(Clichés de RENOLIEU)

OS NAUFRAGIOS DO AR

O AEROPLANO DE LATHAM



1—A grande ave nos espaços. Vae triumphar ou vae perecer?!
2—Latham, o aviador. (Photographia tirada momentos antes da sua partida para as costas inglesas)
3—No meio das ondas: Latham com o seu aeroplano cabe em pleno mar a 12,4 kilometros da costa franceza, 15 minutos depois da partida de Saugatte

• RIO • MONUMENTAL



(Conclusão)

Soberba peanha ao primeiro magnífico monumento do Rio de Janeiro (a sua paisagem) esse soalco da Avenida Central!

E o certo é que a sua grandiosidade provém muito naturalmente, da sua simplicidade.

Na esthetica monumental até agora seguida pelos banaes, eu tenho sempre visto a complicação geometrica do pedestal escangalhar e desviar a attenção da phrase principal do todo architectonico.

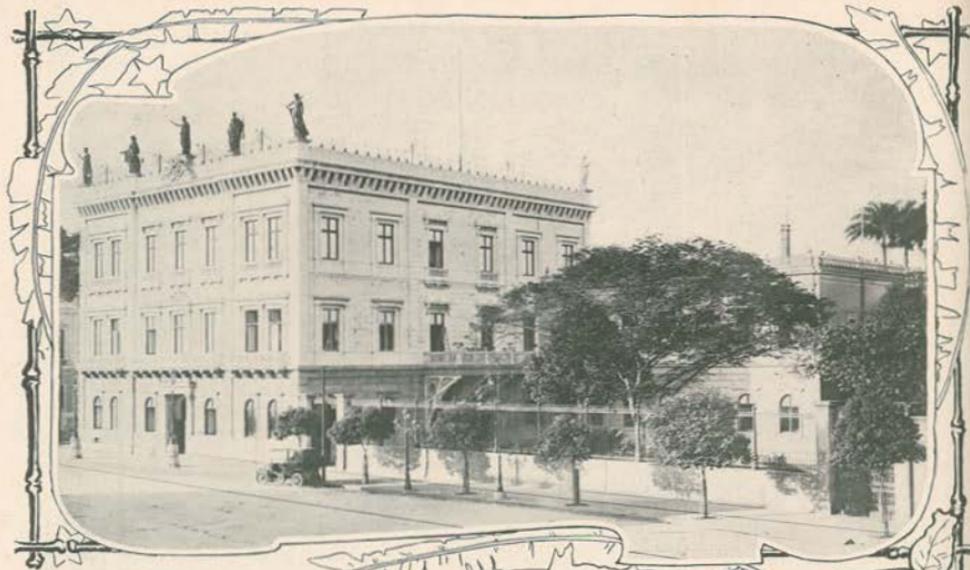
Muito arrebicada, estudadinha, medida, regada, compassada, a base de qualquer estatua desvalorisa a miúdo o interesse do assumpto a celebrar, com o mes-



mo desconchavo com que o faria um correctissimo flauta, se a meio de uma symphonia que exultasse e especialisasse uma idéa melódica embebida em moderno emmaranhamento orchestral se puzesse a apitar seccamente, seguidamente, mesmo afinadamente, em acompanhamento de sua conta.

E o que eu vejo é isto: que o architecto, n'essas obrinhas, mediu no papel, palpou na *maquette*, uma peanha a seu modo, vindo depois o esculptor, com o seu cigarro ao canto da bocca, e o pollegar de phalange moveidica, sobrepor-lhe a'estatua ou encostar-l'ha conforme o

1—Um trecho da Avenida Central
2—Buarque de Macedo. Esta estatua está nas officinas do E. F. Central em A. Diogo, quasi desconhecida dos habitantes do Rio



bronze com que o Estado o presentearia... e a maquiagem que dispõem de sociedade, elle e o architecto, p'ra familia, e o resultado... é ir vê-lo á praça Duque da Terceira, de Lisboa, onde uma caganita tenta celebrar hypotheticas virilidades, entre frontarias principaes de predios que mais parecem paredes de saçuão.

Que me perdõem a expansão. Mas é quasi em intimidade que eu a tenho, e me tenho arreliado de vêr estragar com insignificancias e imbecilidades a parte mais nova da minha capital, aquella que ha de mostrar nos seculos mais chegados a civilisação em que vivi, contemporanea d'outras civilisações em auge franco, e assim denunciar uma pobreza artistica, que tanto pôde ser proveniente de espesa ignorancia como de cynico desvergonhamento.

Porque a verdade é que a ornamentação de uma cidade é tão de pudor e precisa como um fato perfeito em quem á rua — a uma rua de terra com canones de civilisação — sahe e se indumenta para a enfeitar.

Um monumento erguido, hoje, para duração grande, tem as responsabilidades d'uma facanha illustre e premeditadamente illustre.

Ou não se faz, ou, a executar-se, não se deve ter em conta o supposto desperdicio a que dará economicamente logar.

Fazer, por exemplo, sobre uma avenida moderna um viaducto de cincoenta contos e novecentos e noventa e cinco réis, para ter durante trezentos annos uma ponte imbecil a enodoar uma perspectiva linda, porque com tal porcaria se suppoz poupar os cinco réis com que se fabricaria uma rendilhada ponte d'arte a recostar um precioso ceu, parece-me ser um crime a merecer (com a destruição da obra execravel

e a perda estúpida do seu custo) que, pelo meno, em effigie se insulte a edifiçãe que a consentiu e com amolecimento de consciencia a consentiu.

E deixem-me que bem frize, com



1—Palácio do Governo
2—Estatua de D. Pedro I

o esplendido pre-
texto que este meu
devaneio me offerece, a desver-
gonha com que se estragou o
-Ateneo de Lisboa, e isto talvez por seculos,
quando o principal monumento a mostrar a
quem de fóra vem seria a cidade no seu acolli-
namento curioso levantada, como agora o Rio
está, n'um nobre pedestal, e não em bandeja
de lixo, achas e fumo, e com todo o ar provi-
sorio de feitoria africana das mais porcas.

E ainda este desabafo é patriótico. Se não ve-
jam. Na remodelação do Rio de Janeiro, de tal
maneira feita que o cidadão chronista Ferreira
da Rosa diz que n'um dado momento *os habi-
tantes da cidade estavam mudando de cidade
sem mudarem de territorio*; n'essa remodela-
ção, fugiam os seus dirigentes a

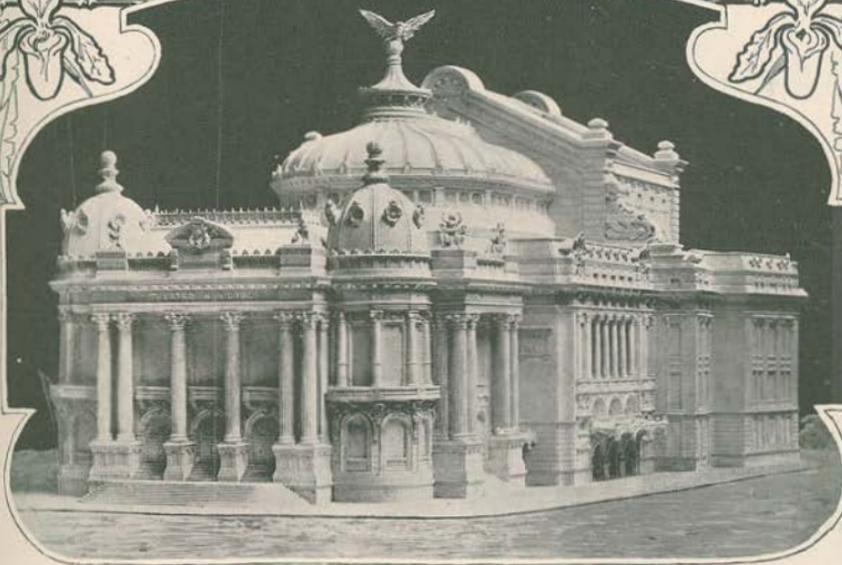
se admittir.

Sem a *obrigação*
de o fazer pouca gente ainda ho-
je desinfectaria o quarto em que
um tuberculoso agonizou.

E' o unico despotismo admissivel... por-
que ainda ha ignorancia! Esse despotismo
foi preciso e precioso e d'elle se serviu com
forte mão o dr. Francisco Pereira Passos.

Despotismo que nunca foi decerto atrabiliario,
mas em que muita lucta se travou com o
sagrado direito de propriedade evocado a miude
quando a computa de valia do predio era in-
justa ou se suppunha sel-o.

Claro que deve ter havido porcos interesses
de intermediarios, ainda hoje, a latir. E
muita injustiça realmente feita. Mas o pro-
cesso em casos de embargos se-



Theatro Municipal

um estylo nas casas a que chama-
vam o *estylo portuguez*. É classifica-
vam assim os feitos de architectura:
estylo colonial, estylo portuguez,
e estylo moderno. Casa mandada re-
modelar, ou a que se consentiam sim-
ples obras, tinha naturalmente que apre-
sentar declaração na prefeitura, e ali al-
cançar aprovação do seu projecto que...
nunca poderia ser em *estylo portuguez!*
No colonial é claro nem se fala que é o
dos trapiches brasileiros e o das tercenas
portuguezas.

Casa mandada remodelar, disse eu... O
moderno Rio monumental foi sem duvida
feito á custa de uma dictadura de hygiene.
Ora em hygiene o despotismo tem que

guia sempre sumariamente. *Era*
forçoso sanear, e com tal formula se
encontrou arrimo para embellezar.
Ainda agora, já substituido Passos
por outro prefeito, com os recursos
asphyxiantes que marcam uma phase de
vacças magras á prefeitura, (e por isso
mesmo) qualquer carioca ao vér um mu-
ro velho ou uma porta de carunchoso
acoito murmura com tristeza:

— *«Se o Passos visse isto!»*

E ainda nas antigas ruas que convergem,
e mal se ligam no seu corte brusco á Aveni-
da Central, ameuado se lê, collado na res-
pectiva porta, o seguinte edital, que transcre-
vo como o copiei e dizendo respeito a um
predio com o aspecto dos mais resistentes



e antigos da Alfama ou dos altos da Mouraria:
 «REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL
 DIRECTORIA GERAL DE SAUDE PUBLICA
 3.ª DELEGACIA DE SAUDE

De ordem do sr. Director Geral de Saude Publica fica este predio interdito até deliberação em contrario das autoridades competentes.

*3.ª Districto Sanitario, 2 de Julho de 1908.
 O Inspector Sanitario.»*

Edital encimado da armórica estrella brasileira cheirando que tresanda a chicana visto que o li em dezembro e tem a data de julho!

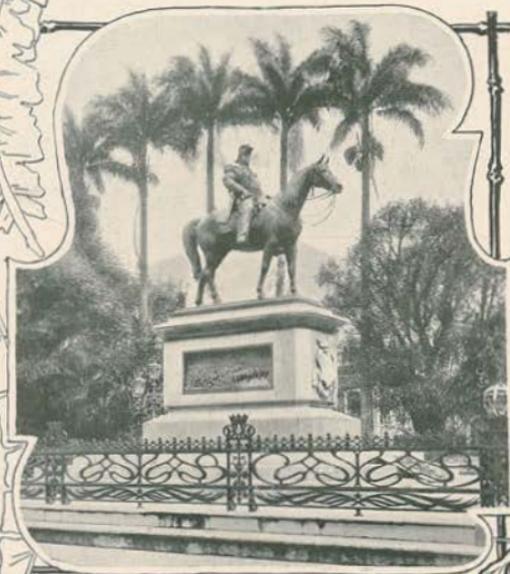
Tanto vagar não houve ao desfazer n'um tufão os 590 predios precisos para o corte da Avenida Central

Com alguns mesmo succedia que a justiça proseguia os seus processos e gaguejava os seus embargos e já o predio estava escaqueirado.

E assim é a lei! Logo que um inquilino deixa um commodo dos velhissimos, logo um inspector sanitario lhe verifica as condições de vida e lhe prescreve sem piedade medidas de hygiene e de ornamentação. E o santo e a senha d'esta cruzada são: *guerra ao mosquito e... ao estylo chamado portuguez!*

Bem sei que de data relativamente antiga ha monumentos de graciosidade indiscutivel— como a estatua de D. Pedro I, do professor João Maximiano Mafra, da Academia de Bellas-Artes, com os seus quatro grupos allegoricos aos rios Amazonas, Paraná, Madeira e S. Francisco. E' um monumento de approximadamente 10 metros de alto acabado de executar pelo francez Rochet.

Não falo tambem dos ajardinamentos, naturaes passeios publicos domingeiros, de quem em queilhas ao rubro



1—Avenida do Mangue
 2—Estatua do duque de Caxias

sets dias a fio respira e para quem a ida para a floresta era, nos primeiros dois terços de 1800, difícil por falta de transportes.

Em taes traçados impecáveis afamou-se o chamado mestre Valentim.

Mas todo o realce monumental é dado agora na obra vasta do escultor Rodolph Bernardelli, no que respeita especialmente á sublimação de factos historicos. São d'elle as estatuas do general Osorio, a do duque de Caxias e a do monumento do Centenario, com as respectivas datas de 1804-1809 e 1900. Curiosas *étapes* de um talento em 6 annos de vida artistica. O monumento ao centenario agupa com movimentos syntheticos tres figuras primacias da descoberta: Pedro Alvares Cabral, Pero Vaz de Caminha—escrivão da frota e de quem é a primeira carta annunciando a D. Manuel o fecho da historica aventura—e fr.

Henrique de Coimbra, ca-



pellão de bordo e o celebrante da primeira missa... a celebre primeira missa! Esse grupo assenta n'um pedestal de granito brasileiro. E a simplicidade de tal suporte, a sua correcta severidade outra vez me faz cair na justa comprehensão que este Bernardelli teve da intenção moderna de deitar fóra o prolixo ornamental por inutil e ás vezes artisticamente cheio de perfidia.

Das estatuas que coheço poucas ha que mereçam como esta que se lhe admire a justeza de equilibrio e a simplicidade divina de intenção.

De poucas mais, a minha pobre erudição se lembra, onde supponho a canção o mesmo effeito: a de Martinez Campos, em Madrid, no Retiro, e em pouco a inaugurar a brutalissima e superior estatua equestre de Alexandre III da Russia.

A Avenida Central pa-



1—Busto de Gonçalves Dias
2—Lyceu Litterario Portuguez

rece querer mostrar na accumulacão de phantasias magestosas um curso architectonico talvez unico.

E porque um concurso foi realmente de vontades, capricho foi de afortunados, ha talvez — emquanto as arvores não crescem e não cortam e mancham essa sequencia de palacios alinhados n'uma enfiada de 1:800 metros e enfrentando-se a 33 metros, que é toda a largura da Avenida—um certo aspecto que choca de rua variegada, de exposicão universal, onde para educacão do povo se mandasse exhibir um mostruario de estylos e caprichos: o rustico (em cimento armado), o renascença, o recôco, o mourisco, o arte-nova—e tudo com o mesmo desplante de mistura, e hombro a hombro como a minha classificacão vae

que me fazia notar, bebendo gulosamente agua de côco, que as morenas do Rio eram doidinhas por luvvas brancas, e as brancas, tambem do Rio, por luvvas morenas, a ponto de, quando vistas por detraz (sob as *cloches* amplas dos chapéus e os braços pendidos ou arregaçando a cauda dos fatos Imperio) não se lhes poder adivinhar a côr! esse amigo em plena Avenida Central, escorropiando o côco, achava, para o verão, detestavel a Avenida Central, por n'ella não haver... correntes de ar, as natureas correntes de ar e sombras que decerto por instincto nos nossos avós preparavam arrumando-se em viellas estreitas onde o sol não entra á francalhona e que, da orientacão intrincada, conseguem, com differença de temperatura entre os seus extre-



Monroe

feita. Do esforço de tal traçado e execucao já eu atraz falei. Mas entrando com o factor tempo melho se apreciará o nervo rijo com que foi levada a cabo. Os trabalhos de demolicao começaram a 8 de março de 1904. Em seis mezes o seu corte estava terminado. Quer dizer, a 7 de setembro d'esse mesmo anno fazia-se officialmente, com o sequito do estylo, o primeiro passeio atravez d'ella. Essa avenida cortou e atravessou—como uma tesoura a trama d'un tecido meudo—onze das ruas principaes do antigo Rio. Mas, oh! incoherencia. O mesmo brasileiro arguto e deliciosamente paradoxophilo, de que já me servi para a nota ingenua acerca das differenças d'aspecto de paizagem brasileira e portugueza, e

nos fabricar uma corrente de ar, que é, n'este torrido calor de dezembro, mais preciosa que um fresquissimo beijo.

Precisamente as duas joias modernas da architectura carioca: o Palacio Monroe e o Theatro Municipal, avizinham-se n'esta Avenida Central. O pavilhão Monroe é copia exacta do que figurou na Exposição de S. Luiz e serviu no Congresso Pan-Americano.

Em festas como aqui as dão, chibantes de opulencia, esse palacio resfolegando luz em noite tropical é palacio encantado.

O Theatro Municipal merece, pelos seus intentos de optima construcão, monographia aparte.

Com seu feito da renascença franceza,



tem nos altos um arremedo do soberbo pente com que se adorna o cocuruto da grande Opera de Paris. Cabe talvez maciçamente e um pouco a pique sobre o terreno sem a cauda precisa de escadarias que mais grandeza daria á sua indiscutível magestade.

O seu projecto é d'um novo engenheiro celebre, o dr. Francisco d'Oliveira Passos, e saiu victorioso e forte do concurso internacional.

De mais dois topasios, n'esta Avenida Central se trata do engaste: o Mu-

seu de Bellas Artes e a Bibliotheca. Já se lhe vê a pompa no começo.

E eis como o Rio se embeleza, o Rio que já tinha a Candelaria, a Bolsa, o Tribunal Federal.

ARNALDO FONSECA.

Nota da redacção.

Tem sido re lmente curiosa a fórma por que o Rio de Janeiro se tem embelezado. Todas as suas transformações, todas as suas obras d'arte, as maravilhas que apresenta foram citadas em artigos publicados na *Illustração Portuguesa* pelo nosso distincto collaborador, que se encontra a caminho da capital da grande republica, d'onde nos vae enviar o complemento do seu trabalho, já notavel, sobre a linda cidade brasileira que é hoje uma das mais extraordinarias metropoles da America do Sul. Todos os esforços dos brasileiros convergem para a tornar ainda mais maravilhosa, como o nosso collaborador mostrará nos seus artigos subsequentes aos leitores da *Illustração*.



1—Estatua do general Osório
2—Cascata do jardim da Praça da Republica

A MANIFESTAÇÃO DO CEMITERIO

DOS PRAZERES

rio muitas senhoras que foram assistir á manifestação. Decorreu na melhor ordem essa peregrinação de protesto e pela noite foi commemorada em varias associações a morte de Sarah de Mattos, cuja sepultura não deixou nunca

No cemiterio dos Prazeres realisou-se em 25 de julho a peregrinação annual ao tumulo de Sarah de Mattos, cuja historia é em demasia conhecida. Este anno foi muito maior a affluencia de pessoas ao cemiterio em virtude do movimento contra as congregações religiosas iniciado pela Junta Liberal, que se fez represen-



de ser visitada pelo povo da capital.

N'um grande silencio as pessoas presentes acompanharam os membros da Junta desde a entrada do cemiterio, seguindo-os depois até á sahida na mesma respeitosa attitude.



- 1—Um grupo de manifestantes
- 2—Alguns membros da Junta Liberal: srs. dr. José de Castro, Marinha de Campos, Magalhães Lima, dr. Miguel Bombarda, Faustino da Fonseca, Ribeiro de Carvalho
- 3—A policia contendo o povo n'um dos arruados do cemiterio
- 4— Tres representantes da Junta Liberal: srs. Marinha de Campos, dr. Miguel Bombarda e Faustino da Fonseca
(Clichés de BERTOLINI.)

tar por alguns dos seus membros. Sobre o tumulo foram depostas muitas flôres e corôas em homenagem á memoria da creança que ali repousa. Viam-se nas ruas do cemite-



A. CANTINA ESCOLAR DE ALCANTARA



1—A fachada da cantina na rua Direita de Alcantara



2—Um grupo de crianças beneficiadas pela nova Cantina Escolar de cujos membros

da comissão instaladora publicamos os retratos:

a—O sr. João Antonio Guimarães Alcantara

b—O sr. Francisco Henrique d'Oliveira

c—O sr. Joaquim Ferreira d'Oliveira

d—O sr. Abel de Sousa Sebroza



3—Sala das sessões (Clichés de SENOLIEL)



AS EXEQUIAS DE AFFONSO PENNA EM BRAGA



Na igreja dos Congregados, em Braga, realisaram-se exequias no dia 14 de julho por alma do presidente da republica do Brazil dr. Affonso Pena. Concorreu muita gente ao templo, tendo presidido o arcebispo de Braga, que celebrou a missa co-adjuvado pelo deão da Sé do Porto. O sermão foi prégado pelo rev. Martins d'Almeida. D'este modo a cidade de Braga prestou a sua homenagem á memoria do illustre homem d'Estado que o Bra-



- 1—No fim das exequias: o collegio do Espirito Santo saindo da igreja
- 2—O catafalco
- 3—A guarda de honra de infantaria 8, com a respectiva banda, á porta do templo
- 4—O collegio dos Orphãos de S. Caetano, com a sua banda, no regresso das exequias

zil teve como um dos seus cidadãos mais dignos de respeito. O dr. Affonso Penna era filho d'um portuguez do norte e subindo ao mais alto cargo da republica brasileira jámais esquecerá as afinidades que o ligavam a Portugal. Como entre nós sempre se lhe foi votada a maior admiração pela sua grande obra.

OBIDOS



Talvez pelo seu pittoresco, p-la verdura dos seus prados, pelos curiosos trechos da sua paisagem, Obidos é terra d'artistas, alguns dos quaes bem celebres, como o pintor Balthazar Figueira e sua filha Josepha, que illustrou o nome da villa ligando-o ao seu, a crear essa designação por que ficou notavel no mundo da arte. Por causa d'um braço de mar que outr'ora vinha até á villa, lhe chamaram Obidos, dos monosyllabos latinos *ob-id-os*. E' uma linda terra que deixa saudades a quem a vê com os seus campos extensos, o seu castello derrocado a evocar todo o seu passado, onde ha o som épico de batalhas desde o tempo de D. Afonso Henriques porque Obidos é velha, foi fundada pelos celtas e tomada aos arabes pelo grande rei fundador da dynastia.

Quando houve desavenças entre D. Sancho II e D. Afonso III e que as terras do aiz se pronunciavam pelo principe da sua symphathia, Obidos sentia no marido

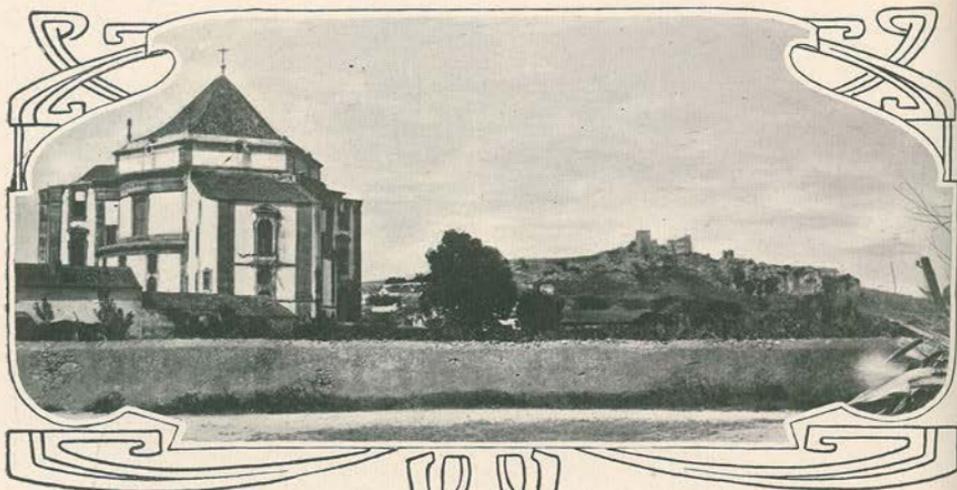
de D. Mecia o rei legitimo e resistia bravamente ao irmão do soberano, que chegava a despojal-o depois d'aquelle rapto da rainha formosa, que assim ficaria infecunda e deixaria o throno prompto a ser occupado por quem o assaltasse. A villa famosa sentiu a traição e o crime do clero que ajudava Afonso III ás ordens do papa Innocencio IV, da nobreza que ia contra o seu verdadeiro rei e por isso se conservou leal como aquelle Martim de Freitas que quando o rei Sancho morreu no exilio foi depôr as chaves do castello da sua alcaidía nas mãos frias do finado. Obidos resistiu brava-

mente ao cerco do principe ousado, repeliu-o, bateu-se n'uns arrancos que o fizeram admirar a ponto de, quando subiu ao throno, lhe dar o titulo de *muito leal* para juntar ao de *notavel* que já era seu.

D. Dñiz doou a villa a D. Isabel, a linda santa que ficou na tradição transformando o ouro



1—O aqueducto e villa vistos do castello
2—Um trecho pittoresco da estrada



em flôres, e, sendo ella a sua primeira senhora a todas as outras rainhas pertenceu, ficando nas suas casas até 1834, quando foram abolidos esses privilegios. Na sua tradição ha, pois, com a audacia d'uma brava defeza por um leal impeto, essa serenidade das passadas da rainha santa, sua senhora e depois aquella outra santa que via o marido eternamente empenhado em vigorosas decisões.

Com as suas muralhas reconstruidas esperou no

tempo de D. Fernando os invasores hespanhoes.

Ali residiu muito tempo aquella formosa D.

Leonor mulher de D. João II, emquanto o marido meditava os golpes atrevidos a dar na nobreza que ia augmentando em audacias como no tempo d'aquelle desgraçado Sancho a que Obidos ficára fiel, que junta, como então, com o clero, pretendia talvez vencel-o na lucta em que elle se empenhára.



1—A igreja e castello. 2—Vista da villa tirada da velha forteza



Vista geral da villa e do castelo tirada da estrada

As muralhas do castello esfarellou-as o tempo, havendo, porém, ainda uma torre alta, atalaya secular, que resiste bravamente e domina a terra tão vistosa. Ha um circuíto d'ameias dentadas com seu quê de muralhões onde se abrem portadas, e cingida parte da villa, e alteiam-se as torres das egrejas sobre os telhados vermelhos da casaria branca em face da paizagem pittoresca. A egreja do castello tem muito de curioso com os seus tectos em pyramide, as suas janellas rasgadas e formosas, com a sua cruz no al'ô dourada pelo sol. Do castello avista-se tambem o aqueducto que corre com seus vestigios

pedras negras e largas como lages, recorda-se a historia da villa ao vér apparecer os rostos graçis das raparigas a olharem-nos tranquilla e curiosamente. Ha então uma brecha á entrada das muralhas; atravessando, penetra-se no castello e lá vae a vista prender-se n'aquelle panorama lindo, tantas vezes desejado para consolo do espirito, ao voltarmo-nos vëmos de cima as ruas como fundas vallas n'um contraste extranho com a brilhante paizagem que ha um seculo tambem os francezes atravessaram quando foram vingar nas villas as resistencias patrioticas.

Ali por Obidos passou o exercito



Ruínas interiores do castello — (Clichés de BENOJIEL.)

romanos, e o olhar espraia-se ante aquellas paizagens magnificentes das Caldas, S. Martinho do Porto, Foz d'Arelho e o mar extenso e azul n'uma largueza enorme. As ruas, como as de tod'as as villas guerreiras, são estreitas e soturnas e evoca-se a marcha dos homens d'armas vestidos de ferro, trepando as congostas para entrarem no reducto, tilintando as armas, cheios d'odios e rancores na vida apertada d'aquellas edades quando defendiam D. Sancho ou quando se armavam contra os hespanhoes, e evoca-se tambem as mulheres arranjando os projecteis, preparando-os nas ameias ou então curvadas deante das rainhas: de Santa Isabel, de rosto suave, ou da formosa Leonor descendo das suas andas em frente do caricioso olhar de todo o povoado. Trepando por aquellas ruas de

de Bernardim Freire organizado para a defeza, servindo d'atalaya aos inglezes que vinham sempre a bordejar o Oceano, que tinham os seus navios á vista para um embarque, desde que fôsem tocados pela derrota, e ali tambem passaram as vanguardas das tropas de Loison, que os portuguezes esperavam para uma pilhagem bastante legitima.

Tudo isto relembra lá em cima no topo das muralhas, nos bastiões derruidos d'essa reliquia d'um altivo passado, com Obidos aos pés, engastada n'aquelle panorama formoso que se di-fructa, que nos enche d'uma grande impressão.



A GRÊVE DO PORTO

Terminou a grêve dos empregados da Companhia Carris de Ferro do Porto que perturbou a cidade durante alguns dias. Trava-se o conflicto em virtude de reclamações do pessoal, que exigiu, entre outras cousas, augmento de soldo dos guarda-freios e conductores, participação nos lucros da com-



panhia, a preferencia dos filhos dos empregados para exercerem os cargos que fôsem vagando e tambem um acrescimo de dez por cento sobre os soldos para os operarios das officinas. Em virtude de não



—A caminho de Costa Cabral. 2—O *Tribuna* que conduzia passageiros entre as Escadas dos Paieiros, Porto, e a Cantareira na Foz. 3—Meio transporte de estabelecidos por falta de americanos. 4—Embarque no vapor *Acacia*, que conduzia passageiros entre o Porto e Leça da Palmeira



terem sido accites estas bases, puzeram-se em grêve os empregados. Durante dias houve uma quasi total paralyzação das carreiras nas ruas do Porto, começando então a serem utilizados vehiculos de toda a especie, a fim de se fazerem os transportes. Era curioso o aspecto das ruas do Porto; os carros mais phantasticos carregados de gente procuravam amenisar os grandes transornos que causava ao

trões e nas
quas mil
tas vezes
os governos teem que in-
terferir. Não houve d'esta
vez tumultos; ape nas algu-
mas pessoas fartas d'aquella
paralyção dos electricos,
que tanto transtornava a vi-
da da cidade, protestavam.

O governo mandou alguns
soldados de engenharia par-
conduzirem os vehiculos
mas isso levantou tremendo
clamores nas ruas da cidade.



1—A commisso delegada da Liga
Artes de Viacão, saindo dos es-
criptorios da companhia. 2—Um
grupo de grévistas no quintal
proximo á Liga Artes de Viacão.
3—Os grévistas acamparam, du-
rante todo o tempo, que durou a
gréve, no quintal do edificio da
Liga e em mais dois quintaes ce-
didos pelos proprietarios.

commercio essa falta de con-
duções durante sete dias.

A vida moderna com as
suas luctas entre capital e
trabalho tem d'esses che-
ques em que varias classes
se resentem das batalhas tra-
vadas entre operarios e pa-



em que os grévistas não tiveram a menor acção.

Por fim o sr. dr. Duarte Leite, vereador da camara municipal do Porto, foi conferenciar com o conselho de administração da Companhia Carris de Ferro obtendo não todas as satisfações ás reclamações dos grévistas, mas algumas, fazendo-se assim terminar essa grève que tanto prejudicava os legítimos interesses da cidade. No meio das mais entusiasticas manifestações os empregados da companhia deliberaram ir retomar o trabalho, apparecendo tambem entre elles alguns chefes de pessoal que disseram ter o maior empenho em que jámais se fizesse outra grève. Collocados assim em harmonia os in-



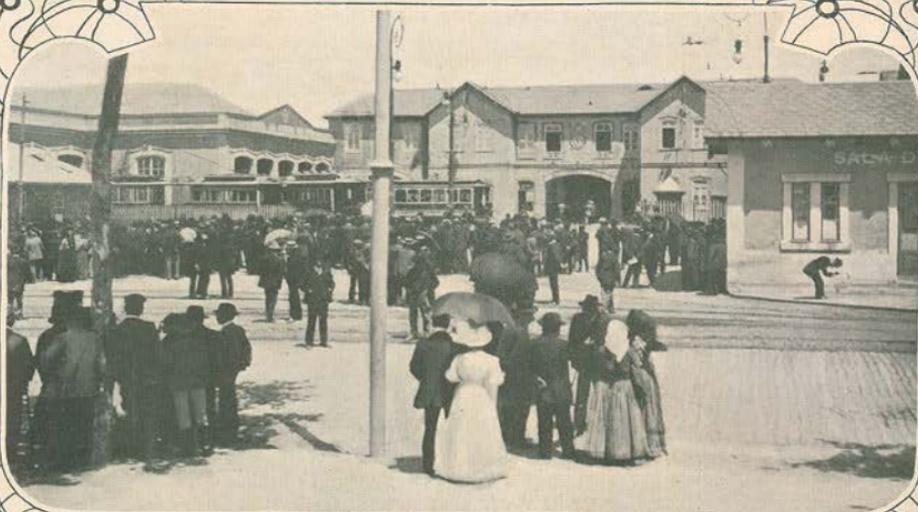
teresses de ambos os lados, co-meceram a funcionar os carros; os soldados que os governavam entregaram-nos aos empregados e o publico, enchendo-os, victoriava aquelles homens, que se tinham portado dignamente durante o periodo em que fizeram as suas reclamações. Em varias ruas ouviam-se as mesmas acclamações e á passa-

gem nas Carmelitas e rua Formosa choviam as flores sobre os electricos, havendo um enorme regosijo em todo o Porto, onde durante sete dias estivera aberto o conflicto.

Assim terminou essa dissensão entre o trabalho e o capital, com vantagem para ambos, assim se calou esse primeiro encontro de forças na cidade do norte, onde



1—Um electrico guilado por soldados de engenharia
2—Aspecto da praça de D. Pedro á chegada dos primeiros carros depois de terminada a grève



1—Esperando o resultado da primeira conferência entre a comissão delegada da Liga de Visção e o conselho de administração com o governador civil do Porto. 2—Grupo dos mais antigos empregados da Companhia. 3—A bordo do *Agua*; Rebocador que conduziu passageiros entre Porto e Leça da Palmeira. 4—Os rebocadores *Livio Flavio* na Cantareira da Foz.

esses conflitos tem sempre uma grande importância pelo carácter dos seus habitantes e pela força que o elemento operário ali tem.



Companhia do 270, R. da Princeza, 276

**** LISBOA ****

49, R. Passos Manuel, 51 Papel do Prado

**** PORTO ****

Instaladas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria a Velha).

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especives de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma.

Enter. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO Numero telephoneo PRADO — PORTO — LISBOA 508

HEMORROIDAS
CURAM-SE COM OS
SUPPOSITORIOS
ADRENO-STYPTICOS
MIDY

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL ANEMIA CÔRES PALLIDAS e CHLOROSE, CONVALESCENÇA
PELO
Elixir de S. Vicente de Paula

EM todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GENRAL, CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1.º LISBOA 1300 reis o frasco franco porte em todo Portugal. P.ºY. OLLE, Paris, 2, Faub. S. Denis, PARIS

Leiam e julguem caras leitoras
-Craponne-sir-Arzon, 3 de fevereiro de 1898.
III.º Sr.

E fui satisfeitissima com o Dentol que V.S.º me mandou. Cumpro um dever provando-lhe toda a minha satisfacção. Tinha as gengivas tolas feridas por causa d'um unguento que fui obrigada a empregar em fricções contra um abcesso. O seu dentifricio curou-me completamente. Tambem fez desaparecer o tartaro que eu não conseguia impedir de se formar nos meus dentes. O Dentol é muito superior a todos os dentifricios que tenho empregado até agora; seu cheiro é excellente.

Devo dizer-lhe que del o vidrinho mostra a um visinho meu que soffria horrivelmente d'uma raiva de dentes. Ficou logo aliviado como por encanto.

Accete pois, os meus maiores agradecimentos. Assignado: Marie Nopic, em Craponne-sir-Arzon (Loire).º



MARIE NOPIC

Na verdade, o Dentol (agua, pasta e pó) é um dentifricio soberanamente antiseptico tendo um cheiro muito agradável.

Creado segundo os traços de Pasteur, elle mata todos o maus microbios da bocca; tambem impede e cura com certeza a carie dos dentes, as inflamações das gengivas e as doenças da garganta. Em poucos dias faz os dentes alvos e brilhantes e destroe o tartaro. Deixa na bocca uma sensação de frescor delicioso e persistente.

Empregado puro em algodão, calma instantaneamente as raivas de dentes por mais fortes que sejam.

LISBOA:

- J. P. Bastos, droguista, R. Augusta, 39.
- Pires Tavares, R. do Principe, 130.
- Pimentel & Quintans, R. da Pra. 198.
- Balsemão, perfumaria, R. da Conceição.
- Thomaz Mendonça & Filhos, perfumaria, Calçada do Combro, 45.
- Criber, perfumaria, R. Aurea, 130.
- José Alexandre, artigos de Paris, R. Ga. real.

PORTO:

- Rodrigues Irmãos, droguistas, R. das Flores, 453 a 157.
- Lima & Ramos, Largo dos Loyos, 36.
- Almeida & Leão, Rua Mousinho da Silveira e em todas as boas casas que vendem a perfumaria.

Brinde aos nossos leitores
Basta mandar ao sr. Marius LAUREL, THELIZE, agente geral do DENTOL em Portugal, uma das listadeiras, Lisboa, 100 reis em sellos do correlo recommendando se de..... (indicar aqui o nome do jornal)..... para receber franco de porte pelo correlo uma linda caixinha com um vidrinho de Dentol, uma caixa de Pasta Dentol e uma outra de Pó Dentol.

Madame Brouillard



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com verdade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e phisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathogoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Ds consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

Rua do Carmo, 43, sobre-loja—LISBOA Consultas a 10000 rs. 25500 e 55000 rs.

GRATIS 125 machinas fallantes



De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1909 Remette-se-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 reis a OLSA SIMPLEX BICYCLETES

DESCOS E MACHINAS FALANTES, de J. Castello Branco, Rua do Socorro, 48 e Rua de Santo Antão, 32 e 34—LISBOA

Nouveau Parfum VIOLET
 29, B' DES ITALIENS — PARIS
Princia

Para encadernar a Illustração Portuguesa
Já estão á venda bonitas capas em peralene de plantasia para encadernar o primeiro numero d'este anno da **Illustração Portuguesa** **PREÇO 360 REIS**
Escolva-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pode ser remetida em vale do correio ou sellos (em carta registada. Cada capa va acompanhada do indice e f.ºspectiveis respectivos.

Administração do SECULO LISBOA

GRAPE-NUTS

Alimento para ricos e pobres. Reconstituente do cerebro e das forças organicas. **O Grape-Nuts** é um bello almoço, um esplendido lunch para adultos e crianças, não precisando ser cozinhado. Preço: Lata, 380 réis; pacote, 300 réis. Desconto aos revendedores. *Peçam em todas as boas mercearias e confeitarias.*

Concurso de 1909

Organisou para o anno de 1909 um novo concurso, cuja importancia e simplicidade são superiores em tudo ás dos concursos anteriores

EIS O PLANO DA IMPORTANTE DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS:

1 DE	5:000\$000	EM INSCRIPÇÕES
3 DE	2:500\$000
4 DE	500\$000
10 DE	200\$000
10 DE	100\$000
50 DE	20\$000	EM DINHEIRO
100 DE	10\$000
350 DE	5\$000

Esta distribuição deverá realizar-se no fim de 1909; será publica e presidida por commerciantes, industriaes, artistas e pela auctoridade civil.

O SECULO

Além dos premios descriptos haverá mais

**4:000
PREMIOS**

REPRESENTADOS POR OBJECTOS DA MAIOR UTILIDADE PARA TODA A GENTE

Total 4:528 Premios

Mais outro pedaço de um **TUDO** que vos dara a felicidade futura. Collocae-o na vossa caderneta de coupons e teres alcançado meio caminho para a fortuna

